

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
PREFÁCIO - Isaltino Morais
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História
FOTOGRAFIA - Autores assinalados
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
 devidamente assinalados
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
 de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
 2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 227-234

**NO 4.º CENTENÁRIO DA 2.ª EDIÇÃO DOS
DE ANTIQVITATIBVS LVSITANIAE LIBRI QVATTVOR (ROMA, 1597)**

Justino Mendes de Almeida^(*)

*Ao Prof. Doutor João Luís Cardoso,
que sugeriu este comentário
O.D.C.*

1997 foi um ano glorificador, sem que por isso se tenha dado, da memória do patriarca dos estudos arqueológicos e epigráficos em Portugal. É, de facto, na obra de André de Resende, epígrafe deste comentário, que o estudioso interessado encontrará as raízes portuguesas de duas ciências históricas, parentes próximas mas autónomas, que, cultivadas ao longo dos séculos, estavam destinadas a conquistar êxito indiscutível no País. É certo que a obra de Resende não vale tanto pelo nível científico, que deve, no entanto, ser apreciado dentro da sua época, como pelo interesse que despertou, tendo conduzido, por assim dizer, à formação de “discípulos” que asseguraram a continuidade desses estudos⁽¹⁾.

É a reedição dessa obra em Roma, em 1597 – a 1.ª edição é de Évora, 1593, a 3.ª de Colónia, 1600, a 4.ª de Francoforte, 1603, a 5.ª de Colónia, 1613, a 6.ª de Coimbra, 1790, e são as que conhecemos, que nesta data celebramos, precisamente no ano em que é publicamente divulgada (ainda que datada de 1996) a sua primeira tradução integral em língua portuguesa: André de Resende, *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Fundação Calouste Gulbenkian. Note-se que neste volume se contém também uma reprodução fac-similada da 1.ª edição, que passa a ser assim a 7.ª edição das *Antiquitates*. Nós já tínhamos notícia de duas versões portuguesas da obra de Resende, pouco sabidas, é certo, porque ficaram inéditas. No *Catálogo n.º 72* da Livraria Castro e Silva, ao tempo na Travessa da Queimada, veio anunciada, sob o n.º 90098, uma delas, nestes termos: *Antiguidades da Lusitânia e Outras Obras Históricas de L. André de Resende, Natural de Évora*. Traduzidas da edição latina mandada publicar em 1790 pela Universidade de Coimbra. Setúbal, 1872. De 22 x 16 cm. Com VIII-I-LVII-520 págs. Enc. 150.000.00. Manuscrito. Trata-se de uma tradução do

^(*) Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa.

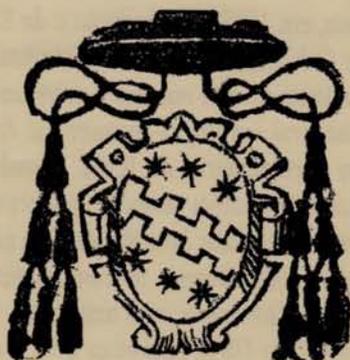
⁽¹⁾ “*Ex cuius schola insignes aliquot viri prodierunt, inter quos fuit Achilles Statius*”, disse G. Estação nas *Várias Antiguidades de Portugal*, 1625, cap. 44.

D E
ANTIQUITATIBVS
LVSITANIÆ
LIBRI QVATTVOR

A L. Andrea Resendio inchoati, a Iacobo Mendez de Vasconcellos absoluti: & quintus liber de Municipij Eborensis antiquitate ab eodem conscriptus.

cum alijs opusculis, versibus, & soluta oratione ab eodem Iacobo Mendez de Vasconcellos, Michaeli Cabedio, & Antonio Cabedio elaboratis.

Que omnia collegit, emendavit, ac Typis summa industria commisit Doctor Gondifalvus Mendez de Vasconcellos, & Cabedo Lusitanus.



ROMÆ,
Apud Bernardum Basam. M. D. XCVII

SVPERIORVM PERMISSV. x m x 9

latim para português feita por João José Soares, não publicada. Tem no pé do frontispício a seguinte nota: “Copiado textualmente d’um outro manuscrito de João José Soares, em 18 de Agosto de 1899 a 1 de Dezembro do mesmo anno.” O preço era-me inacessível. Que destino teria levado este manuscrito, ou melhor, estes manuscritos? A cópia, posta à venda, ainda se manterá em poder dos herdeiros de Castro e Silva? Quem foi este João José Soares? Interrogações cuja resposta deixo a vindouros, já que Inocêncio e continuadores nada me dizem a este propósito.

A outra tradução, que Rosado Fernandes menciona, é a de Maria Teresa Araújo de Andrade Cardoso, *Antiguidades da Lusitânia de André de Resende (tradução e notas)* (diss.lic.), Faculdade de Letras, Lisboa, 1971.

Nós também temos dedicado a este texto aliciante alguma atenção, e até traduzimos certos passos, como as páginas dedicadas às *vias militares*, no final do livro III, e à Tróia de Setúbal, estas a pedido de dois ilustres estudiosos, meus Amigos, o Dr. Fernando Castelo-Branco e o Dr. Fernando Bandeira Ferreira, que em seus trabalhos pertinentes as publicaram. Revimo-las não há muito e reproduzimo-las num artigo sobre um manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, contendo um inédito de Gaspar Barreiros, “Suma, e Descrição de Lusitania”, incluído na homenagem que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra prestou ao seu antigo Director, Professor Doutor Manuel Lopes de Almeida. Recordamos aqui essa tradução, porque é diferente das que têm sido apresentadas:

Cetóbriga

Cetóbriga, a Cetóbrix de Ptolemeu, foi outrora no litoral, à entrada do golfo de Salácia. Ainda hoje se distinguem ténues vestígios dessa cidade coberta pelas areias, quando a violência do mar, irrompendo em terra, ou a areia arrastada pelos ventos, descobrem, submersos ou em covas, restos de construções.

O nome teve origem nas palavras *cete* e *briga*. *Briga*, na antiga língua hispânica, significa *cidade*, como em Arábriga, Conímbriga, Cetóbriga, Lacóbriga, e tantas outras. A primeira parte do composto provém de *cete*. *Cete*, como se sabe, designa, além de certos monstros marinhos, também uma variedade de grandes peixes, como o atum; aos que salgam, preparam e vendem esses peixes chama-se-lhes *cetários*, e aos tanques, onde os salgam, *cetárias* ou *cetários*. Recorde-se o verso de Horácio:

Muitos atuns nadarão, e os cetários vão aumentar.

Porque esta cidade, de que falamos, era muito conhecida pela pesca e salga desses peixes, tal como hoje em dia em Sesimbra, que é uma vila desta região, quase no litoral extremo do promontório Barbário, chamou-se, por isso, Cetóbriga. Na praia desta cidade ainda hoje há *cetários*, construídos com argamassa signina muito antiga.

A meio da cidade coberta pelas areias há um templo muito antigo que, depois de reconstruído, foi consagrado pela Igreja Católica à Virgem Mãe de Cristo. À entrada deste templo, por cima da porta, pode ver-se uma cabeça de carneiro, de chifres retorcidos, de mármore, que é trabalho realmente de grande beleza artística.

Não há dúvida de que aquele templo e a efígie de Júpiter Ámon foram, em época remota, local de culto e adoração das gentes contra os constantes turbilhões de areia. Também uma estátua de mármore, com estola, mas já sem cabeça, foi dali levada para Setúbal. Por outro lado, encontra-se ainda no convento das freiras Dominicanas esta inscrição gravada num quadrado de jaspe branco:

L. IVLIVS . L. ET . T. LIB.
VALENS . ANNOR. XXV .
H . S . E . S . T . T . L .
COPIRVS . FRATRI .

Ou seja:

“Lúcio Júlio Valente, liberto de Lúcio e de Tito, de 25 anos, aqui jaz.
Que a terra te seja leve! Copiro (*dedicou*) ao irmão”.

Noutro tempo, Cetóbriga era o limite ocidental do Episcopado de Évora, segundo a divisão do ínclito rei Vamba, que desejou pôr termo ao litígio entre bispos na delimitação das igrejas-catedrais. “Que os limites do Episcopado Eborense”, determinou, “sejam de Cetóbriga a Pedra, e de Rutela a Parada”. Ainda hoje o termo da Diocese de Évora é a antiga Cetóbriga. O nome Cetóbriga foi-se deturpando em *Cetobra*, e deste, por corruptela ainda maior, o povo inculto fez *Tróia*.

Neocetóbriga

Arruinada Cetóbriga, o seu agregado populacional transferiu-se para outra praia, a norte do golfo, ajuntando-se aos pescadores dali: isto foi, mais ou menos, há 450 anos. Também aqui, como em Sesimbra, situada, como disse, quase no litoral extremo do promontório Barbário, é tão rendosa a pesca de peixes apreciados, de que o mar é fertilíssimo, que a ela acorrem, em elevado número, mercadores do interior da Hispânia.

É, além disso, muito abundante de sal puríssimo, graças às muitas salinas que há por todo o golfo. Por esta razão também o vaivém de barcos estrangeiros é constante. Pelo trato da importação, como da exportação, tornou-se um local de nomeada e muito rico, a ponto de não invejar (longe disso!) a fama das grandes cidades.

A esta povoação também chamaram Cetóbriga, do nome antigo da primeira, e, em vulgar, *Cetobra*. Com o tempo, a corruptela dá lugar a *Cetóbala*. Florián de Ocampo, nas suas fantasias sobre as origens, inventou, a partir da forma corrupta *Cetóbala*, o *ceto* de *Túbal*, e discorre sobre a origem da localidade

deste Túbal. Eu, para distinguir, costumo chamar-lhe Neocetóbriga, mas cada um é livre de usar uma ou outra designação, pois tão correcto é dizer Cetóbriga como Neocetóbriga.

Se tivéssemos de fazer hoje uma tradução da obra de Resende, hesitaríamos na versão portuguesa do título: *Antiguidades da Lusitânia* ou *Antiguidades de Portugal*? Sem esquecer o peso enorme com que a tradição carregou o título da obra de Resende, *Antiguidades da Lusitânia* – e ninguém a designa de outra maneira⁽²⁾ –, também não nos passa despercebido que o Eborense não se ocupa apenas da província romana denominada *Lusitania*, e que os humanistas, nas suas versões latinas, faziam corresponder, não raro, tal nome a Portugal. Daqui a nossa hesitação, sem que se pretenda insinuar que *Antiguidades da Lusitânia* por *Antiguidades de Portugal* é um erro de tradução. De forma alguma. Mas que *Antiguidades de Portugal* corresponde mais exactamente ao conteúdo da obra, disso não tenho dúvidas. Releia-se, a propósito, a nota de p. XXIV do vol. I das *Religiões da Lusitânia*.

De todas as edições dos *De antiquitatibus... libri*, a mais vasta, para não dizer a mais completa, é a que hoje recordamos, a 2.^a. Isto porque, além de conter os quatro livros de Resende, completados por Diogo Mendes de Vasconcelos, e de um quinto livro por este redigido, tem ainda opúsculos, versos e prosa de Diogo Mendes de Vasconcelos, com a participação no volume de Miguel e António de Cabedo. O original foi coligido, emendado e entregue à tipografia pelo Doutor Gonçalo Mendes de Vasconcelos e Cabedo, que dedica a edição ao cardeal Pedro Aldobrandino. Esta carta-dedicatória contém alguns tópicos interessantes. Gonçalo e Cabedo, representante dos direitos de Portugal junto da Cúria Romana, procura assim, à boa maneira humanística, captar as graças do Cardeal. A parte final da carta é elucidativa: “Aceitai, pois, Ilustríssimo e Reverendíssimo Aldobrandino, estas lucubrações, pelas quais vereis como as gentes e as letras itálicas se trasladaram para a Lusitânia; ouvireis nomes de cidades e vilas, de montes e de rios daquela província; haveis de ter notícia das guerras outrora travadas para delimitação das fronteiras do nosso reino; e, mais recentemente, dos feitos dos Portugueses, para difusão da Religião Cristã, em luta contra Turcos, Mouros e povos idólatras; e de como dominaram ondas e ventos do inóspito Oceano e pisaram terra das praias da África e do Oriente, acontecimentos que já conheceis por outras vias. Compreendereis, no entanto, que tudo foi muito mais do que vos digo em minhas pobres palavras. É que, como penso, foi sempre virtude portuguesa dar mais valor às acções do que às palavras, preferirmos os feitos de armas aos relatos dos escritores”.

Na edição de Roma, diferente das demais, como se disse, enriquecida por vasta informação, importante para o estudo do humanismo português, ao texto de Resende segue-se a participação de Diogo Mendes de Vasconcelos no acabamento, no comentário e na correcção da obra, com a publicação de largo número de escritos deste, em prosa e em verso, como seja: Vida de D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu; Panegirico do Príncipe Alberto, arquiduque de Áustria; Epigrama à chegada de Filipe II a Évora; poema à partida do autor de Évora, em 1577; Em louvor da notabilíssima cidade de Lisboa, em 1575; regresso à terra natal, de há muito distante; epigramas vários; epitáfio à morte de D. Cristóvão da Gama; etc.

⁽²⁾ Veja-se, por exemplo, Duarte Nunes de Leão, *Origem da Língua Portuguesa*, cap. II.

Depois, há divulgação de textos vários, na sua maioria respeitantes a Miguel de Cabedo, figura ilustre de português quinhentista, de há muito a solicitar um trabalho de fundo numa tese de mestrado, se não mesmo numa dissertação de licenciatura.

Epigrama de Luís Pires a Diogo Mendes de Vasconcelos. Poema a Pedro Sanches e outros pequenos poemas. Vida do ilustre cidadão Miguel de Cabedo, senador régio. Epitáfio do ilustre cidadão Miguel de Cabedo por Inácio de Morais. Em louvor de Miguel de Cabedo, antigo senador régio, por Miguel de Pimenta, da Companhia de Jesus. Epigrama ao mesmo Miguel de Cabedo. *Pluto*, comédia de Aristófanes, traduzida para latim por Miguel de Cabedo, senador régio, quando estava em Paris no ano de 1547. Dedicatória de Miguel de Cabedo a D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu, seu tio materno, embaixador do rei de Portugal D. João III à França (nesta dedicatória diz Cabedo que traduziu a comédia de Aristófanes nos intervalos dos seus estudos jurídicos em Paris).

Pequeno poema dedicado por Miguel Cabedo a Joaquim Hopper. Poema de Miguel de Cabedo às núpcias dos Sereníssimos Príncipes João e Joana, pais de D. Sebastião, dedicado a D. João III. Poema de Miguel de Cabedo, senador régio, ao nascimento de Joana, Sereníssima Princesa de Portugal, irmã do poderosíssimo e invictíssimo Filipe-o-Católico, rei de Portugal. Poema de Miguel de Cabedo ao rei D. Sebastião. Outro poema do mesmo aos Senadores seus colegas. Três epigramas do mesmo a temas da sua casa de campo em Palmela, um deles a Baco pintado numa edificação coberta de vides. Poema de Guter a Miguel de Cabedo. Carta de António Pinheiro, bispo de Miranda, a Miguel de Cabedo, e resposta deste. Carta de Miguel de Cabedo a D. Jerónimo Osório, bispo de Silves. Carta enviada pelo cardeal D. Henrique ao Papa Pio V, redigida por Miguel de Cabedo. Três epigramas de Miguel de Cabedo à sua casa de Palmela. Poema de Miguel de Cabedo a D. Sebastião acerca do livro das leis extravagantes coligido por Duarte Nunes de Leão. Poema do professor público de Gramática, Pedro Mendes, de Setúbal, ao Ex.^{mo} Senhor D. Gregório de Cabedo, filho de Miguel de Cabedo. Carta de D. Sygeu, de Toledo, ao senador régio Miguel de Cabedo. Carta de António de Cabedo a D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu. Elegia à morte de D. João, príncipe de Portugal. Epitáfio ao mesmo. Outro epitáfio. Elegia de António de Cabedo aos soldados mortos em Ceuta. Carta de António de Cabedo a D. Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu. Mais poemas, entre os quais um ao cardeal D. Henrique, outro a Inácio de Morais, outro a seu irmão Manuel Cabedo, outro à Rainha Santa Isabel, elegia de Inácio de Morais à morte de António de Cabedo, poema de António de Cabedo a Cetóbriga, sua pátria, poema em louvor da Virgem Maria, epitáfios do príncipe D. João e do rei D. João III, três dísticos a Coimbra e, por último, um epigrama afixado na Igreja de Santo António de Lisboa, em Roma, no seu dia natalício, no ano de 1596:

Epigramma pro foribus affixum in templo S. Antonio Olyssipõnesi
die Natalitio Romae anno M.D.XCVI.

Antoni nostri generis decus, orbis Hiberi
Gloria, Dulichiae gentis et Urbis honos.
Saecula te nobis debent, licet utraque certet
Hesperia, haec obitus vindicat, illa genus
Adsis Lysiadum rebus, regiū. Philippo
Cesareo magni Principis et genio.
Adsis, et clemens nobis, si sepius ipsi
Sincere colimus hæc tua templa, faue.

António, honra da nossa gente, glória
do mundo ibérico, honra da raça e da cidade de Ulisses.
Há séculos que és nosso, ainda que te disputem as duas
Hespérias: uma reivindica-te na morte, outra no nascimento.
Sê propício à vida dos Lusíadas, ao rei Filipe
E ao génio imperial do grande Príncipe.
Sê favorável e clemente para nós, se mil vezes também nós
Adorarmos com fé sincera esta tua igreja. Favorecei-nos!

Por este enunciado se vê bem qual a riqueza de informação humanística que na edição de Roma, 1597, das *Antiquitates* se encerra, ainda por aproveitar.

Sempre que de André de Resende se fale, em particular de matéria epigráfica, vem à baila o terrível labéu de “falsificador” que sobre o Eborense foi lançado por responsáveis do *Corpus inscriptionum Latinarum*, em especial por Emílio Hübner. A este respeito, vieram em defesa de Resende autorizados estudiosos portugueses, a começar por Leite de Vasconcelos que revelou terem sido reencontrados textos dados por Hübner como inventados por Resende. A interpretação exacta da atitude assumida pelo antiquário de Évora encontra-se de há muito esclarecida por Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 1983, p. 236: “Afinal, André de Resende, se pode ter inventado algumas inscrições romanas, à maneira do seu tempo, em toda a Europa, para exaltar Évora, sua cidade natal, nem por isso é um inveterado mistificador. Pelo contrário, quando percorridos com atenção, os seus livros em latim e em português revelam-nos uma das personalidades mais ricas intelectual e espiritualmente da cultura europeia do século XVI.”

Nesta senda caminharam José D’Encarnação (em texto de uma lição de concurso universitário: “... urge reabilitar André de Resende...”) e Rosado Fernandes: “... os documentos falsificados detêm uma realidade: ... a exaltação patriótica e a defesa da nacionalidade...”

Emílio Hübner não teria a menor dificuldade em separar “o trigo do joio”. Alheio ao espírito que animava o humanista eborense, a Hübner pertencia apenas aproveitar para o seu *Corpus* os textos

epigráficos inquestionavelmente autênticos; quanto aos que considerava suspeitos, ou mesmo falsos, não podia o sábio alemão compreender as razões por que tinham sido feitos. Deveria, assim, pô-los de lado – só nós, Portugueses, poderíamos compreendê-los –, e não se limitar a apodar de “falsário” quem, afinal, lhe dera uma tão rica contribuição para o seu *Corpus*. Escreve ainda D’Encarnação: “Excedeu-se um pouco o Mestre, nada mais.” Também não é exacto: não há da parte de Resende um excesso, há um propósito, compreensível e aceitável – não no plano do estudo científico da Epigrafia, é óbvio. Situe-se tudo na sua época.

*

A comemoração do 4.^o centenário da edição romana das *Antiquitates* de Resende seria pretexto para longa dissertação, mas não foi isto que desejámos fazer. Entenda-se este comentário, que hoje publicamos, como uma homenagem a André de Resende, numa época repleta de tecnicismo, mas tão carente de humanismo, erudito português de primeira água, amigo e correspondente de Erasmo, e uma evocação das *Antiquitates Lusitaniae*, um livro de cabeceira para humanistas, arqueólogos e epigrafistas.

Lisboa, 7 de Março de 1998.